

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17003 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 24 - GE Educação e Povos Indígenas

SABERES E FAZERES DE UMA CACICA APINAJÉ

Carina Alves Torres - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Cristiane Troina Ferreira - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

SABERES E FAZERES DE UMA CACICA APINAJÉ

Resumo

As mulheres indígenas da região amazônica estão em constante movimento em seus territórios maternos e em localidades que atravessam suas trajetórias políticas, educacionais e culturais. A exemplo disso destacamos a liderança Sônia Guajajara atual ministra dos povos originários, que é uma das mulheres em evidência no ativismo dos direitos indígenas, no qual inspira e engaja outras mulheres a atuarem politicamente em suas aldeias e nas demandas dos povos indígenas no âmbito nacional. No contexto regional, apresentamos os saberes e fazeres de uma cacica do povo Apinajé, que se localiza na região norte do estado do Tocantins, pois esta vem se destacando por sua atuação política nas demandas territoriais, educacionais e de saúde. O fato observado é que o colonialismo de gênero, conforme Lugones (2014) possui como premissa inferiorizar a mulher indígena a fim de violentá-la em todos os sentidos, já que essa violência atravessa os corpos originários desde o processo de colonização (Ramos, 2021), apesar da inserção das mulheres nos espaços de poder, elas ainda são menosprezadas pela violência de gênero e discriminação que perpassam as relações com os povos originários.

Nesse sentido é necessário desconstruir a visão eurocentrada das mulheres indígenas e veicular seus saberes nos diferentes espaços da sociedade. Outrossim, o objetivo geral do trabalho é apresentar os saberes e fazeres da cacica Marlúcia, em consonância a sua atuação política e trajetória no território materno. Partimos do método etnográfico para conhecer seu cotidiano cultural e político, já que são construídos a partir dos conhecimentos ancestrais e na relação corpo-território. Com base no que foi apresentado à vivência etnográfica, tem possibilitado reconhecer e aprender a cosmovisão *panhi*, nos diferentes espaços que a cacica circula, como aldeias, mobilizações políticas, roças, reuniões e cidade de Tocantinópolis-TO.

Palavras-chave: Mulheres Apinajé; saberes; trajetórias políticas.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas as mulheres Apinajé vêm alçando vários espaços sociais em seus territórios, delineadas pelas mudanças socioculturais, gênero e política nessa etnia. Na

realidade desse povo, é notória a inserção e participação das mulheres na esfera política, educacional e saúde, no qual vem se consolidando pela aliança das mulheres (Rocha, 2018). A partir dos anos 2000, elas estão assumindo o cacicado de suas aldeias com recorrência (Rocha, 2001), já que as mudanças política e de gênero reverbera novas conjunturas de poder nessa etnia, demarcadas pelos saberes e fazeres das mulheres nas diversas esferas sociais. Na realidade amazônica é possível observar que “a mulher indígena do norte do Brasil vem, gradativamente, protagonizando em diversos espaços antes reservados ao protagonismo masculino de acordo Sandra Milhomen (2021, p.104), pois além de ocuparem as estruturas de poder das suas aldeias, elas estão articuladas ao movimento indígena regional e nacional na luta e defesa dos seus territórios. Deste modo, falar dos saberes e fazeres das mulheres indígenas no espaço acadêmico se torna um desafio, já que esse lugar foi construído pelo viés eurocêntrico e masculino (Baniwa, 2018, p. 165). Dessa forma se faz necessário confrontar os cânones coloniais que estão instituídos nas universidades, através da discussão e apresentação dos saberes dos povos originários, pois estes são vítimas do processo de colonização e das mazelas da colonialidade. Diante desses pressupostos é importante situar que as mulheres indígenas são as principais detentoras dos saberes dos seus territórios, tais como cultura alimentar, língua, rituais, festividades e cosmologia, pois são guardiãs dos conhecimentos de cura e cuidados das roças. Elas estão em constante movimento em suas aldeias, desde os cuidados de casa, roça e presença nas mobilizações e decisões políticas. Assim, situamos esses saberes através da trajetória política da liderança Marlúcia, cacica da aldeia Barra do Dia, comunidade do povo Apinajé. Essa etnia está localizada na região norte do estado do Tocantins em um território de confluências de cerrado e floresta amazônica.

METODOLOGIA

A partir desse contexto, apresentamos as vivências etnográficas, em consonância aos saberes e fazeres de uma liderança e cacica Apinajé, que atua nas demandas do seu povo. O método etnográfico que está sendo construído se aproxima da teoria decolonial, como via desconstrução da memória e passado colonial (Smith, 2018; Gonzaga, 2023), aonde adotamos posturas que rompem com a tradição etnográfica e suas raízes coloniais. O método etnográfico tem como característica, a inserção do pesquisador/a no local de pesquisa, com vivência densa e observação participante minuciosa, (Eckert,Rocha, 2008, p.02). Assim a etnografia com a cacica se pauta por eventos cotidianos, reuniões e trajetórias socioespaciais, no qual teve início no ano de 2023, seguindo as temporalidades e especificidades culturais dela e do seu povo.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Situar os saberes e fazeres da cacica Marlúcia remonta as práticas educacionais não formais, que são construídas a partir do território, cosmovisão e língua materna, visto que Paulo Freire (1987) não focaliza educação apenas nos espaços formais, mas em diversos contextos que perpassa as relações sociais, que se reflete os “modos de vida dos grupos sociais” (Brandão,2007, p. 10). Coadunando com a realidade da Marlúcia, é possível

observar que ela perpetua os saberes da cultura alimentar através dos cuidados com a roça, hortaliças, plantas medicinais, e preparo de pratos ancestrais como o bolo *paparuto* (mukén). De acordo com Perla Oliveira (2015), a relação dos Apinajé com as plantas é manifestada pelo registro de vida das pessoas, como cantorias, rituais e mitos. Fato notável do dia-a-dia da cacica, pois ela cultiva hortaliças, prepara chás, garrafadas, raizeiros e outros remédios de cura com plantas e árvores típicas do cerrado. Ela aprendeu com sua mãe e avós os cuidados com as plantas e sua utilidade na aldeia, no qual ensina a sua filha e outros familiares a importância das curas de enfermidades e cultivos para alimentação e rituais festivos. No cultivo de roças, é possível observar a variedade de sementes ancestrais que esse povo armazena e cultiva pois a sua alimentação é pautada nas roças coletivas e individuais e complementada com alimentos industrializados da cidade. Essas transmissões de conhecimentos são perpetuadas por gerações, e [...] “já existia muito antes da criação da escola” (Brandão, 2007, p.13), Além disso, cada sociedade possui sua maneira de ensinar e aprender, não se restringindo apenas nos espaços escolares. No cotidiano das aldeias as mulheres estão à frente na organização de ritual, casamento, posse de lideranças, batizados e festividades, pois são dinâmicas conectadas a cosmologia e saberes [...] (Lima, Pacheco, 2014, p.230). Marlúcia e suas parentas extraem jenipapo, *urucún* e carvão para pintar seus familiares, pois essas pinturas são carregadas de simbologias, e significados. Essa prática é ensinada as crianças, adolescentes e jovens, além de ser vivenciada em todas as ocasiões do cotidiano da aldeia. Conforme Braulina Baniwa (2023, p.08), o movimento das mulheres indígenas se articula a partir dos diálogos que são evidenciados no corpo-território, carregados de ancestralidade, educação indígena e ciências indígena. Esses corpos-território são compreendidos pela relação mulheres terra, mulheres raízes, mulheres sementes, mulheres água e guiada pelo bioma e a sabedoria que se conecta com os cosmos. No que concerne os saberes e fazeres das mulheres é importante destacar que durante as mobilizações políticas Marlúcia, utiliza e expõe as vestimentas Apinajé, como colares, brincos e pulseiras de miçangas. Também canta e dança nessas manifestações, possibilitando a união do povo em prol das demandas e dos saberes tradicionais. Esses eventos se tornam espaço de reivindicações e aprendizados, em que as pessoas aprendem com a comunidade as armas de luta diante dos desmontes dos direitos originários, como a PL-490, conhecida como Marco temporal onde dita que as terras originárias, só podem ser demarcadas até 5 de outubro de 1988, e se constitui ameaça a existência desses povos. A cacica pauta o corpo-território nas suas trajetórias do dia-a-dia, pois desde Junho de 2023, passou a fazer parte do Conselho de Saúde Indígena (Condisi), em que percorre as aldeias, ouvindo as demandas de saúde da comunidade, além de fiscalizar o polo de saúde indígena do seu território. A inserção da Marlúcia nesses espaços é demarcada pela relação e inspiração de outras mulheres, ou seja, protagonizada [...] “pela trajetória de mulheres que iniciaram a entrada feminina na política interna e externa” (Rocha, 2018, p.105). Nesse contexto político ela aprende e ensina com outros familiares à importância de estar e resistir nesses espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências etnográficas com a cacica Marlúcia vêm ocorrendo por constantes aprendizados da cultura Apinajé, desde os saberes alimentares as articulações políticas. A liderança e sua família perpetuam a cosmovisão *panhi* no cotidiano de suas aldeias e em outras localidades, pois esses saberes são carregados na língua materna, mobilizações políticas, espaços escolares e nas diversas trajetórias que atravessa sua comunidade. Esses conhecimentos fortalece a cultura, e preserva os saberes diante da colonialidade que ameaça a existência desses povos.

REFERÊNCIAS

BANIWA, Braulina. 2018. **Mulheres e território**: reflexão sobre o que afeta a vida das mulheres indígenas quando os direitos territoriais são ameaçados. Vukápanavo: Revista Terena 1(1):165-170.

BANIWA, Braulina. **Mulheres: corpos-territórios indígenas em resistência!**/Braulina Baniwa, Joziléia Kaingang, Giovana Mandulão ; organização Kassiane Schwingel. – Porto Alegre : Fundação Luterana de Diaconia : Conselho de Missão entre Povos Indígenas, 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2007.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia: saberes e práticas. Iluminuras**, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301>. Acesso em: 18 jan. 2024.

GONZAGA, A. L. T. A.. **Decolonialismo Indígena** - 2ª edição. 2. ed. São Paulo: Matrioska, 2022. v. 1. 208p .

LIMA, Lilian Castelo Branco. **Maricota Apinajé**: Uma Mulher-Patrimônio em Tramas de Saberes. 2016. 748 f. Tese (Doutorado em Antropologia)- Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo descolonial**. Estudos Feministas, v. 3, n. 22, p. 935-952, set./dez. 2014.

LIMA, L. C. B.; Pacheco, A. S. . Maricota Apinayé: Patrimônio de Saberes. FRAGMENTOS DE CULTURA, v. 24, p. 223-238, 2014.

MILHOMEM, Sandra Rodrigues da Silva. **Ser Mulher indígena**: Território, Identidade e protagonismo. Dissertação (Mestrado Acadêmico)- Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína-Curso de PósGraduação (Mestrado) em Estudo de Cultura e Território, Araguaína, 2021.

RAMOS, Elisa Urbano. **Relato de experiência/memorial**. Do tronco velho Pankararu aos estudos sobre mulheres indígenas. In: Vivências diversas: Uma coletânea de indígenas mulheres. Organização Braulina Baniwa, Jozileia Kaingang, Lucinha Tremembé. 1. ed. São Paulo. Hucitec, 2020. p. 25-42.SAMPAIO, Paula Faustino. Indígenas mulheres entre colonialismos e resistência de longa duração - séculos XX e XXI. Editora Cancioneiro, 2021.

RIBEIRO, Oliveira Perla. **Plantas-filha e a beleza das roças**: O lugar das plantas na cosmologia Apinajé. 2015. 86f. (Mestrado em Ciências do Ambiente)- Universidade Federal do Tocantins, Palmas. 2015.

ROCHA, Welitânia de Oliveira. **O movimento das mulheres indígenas Apinajé: Tempo, Política e chefia feminina.** 2018. 128f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília. DF: Brasília, 2018.

ROCHA, Raquel Pereira. **A Questão de Gênero na Etnologia Jê a partir de um estudo sobre os Apinajé.** 2001. 127f. Dissertação (Mestrado em Antropologia -Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) Campinas, 2001.

SAMPAIO, Paula Faustino. **Indígenas mulheres entre colonialismos e resistência de longa duração** - séculos XX e XXI. Editora Cancioneiro. 2021.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas.** Tradução Roberto G. Barbosa. Curitiba; Ed. UFRP, 2018.